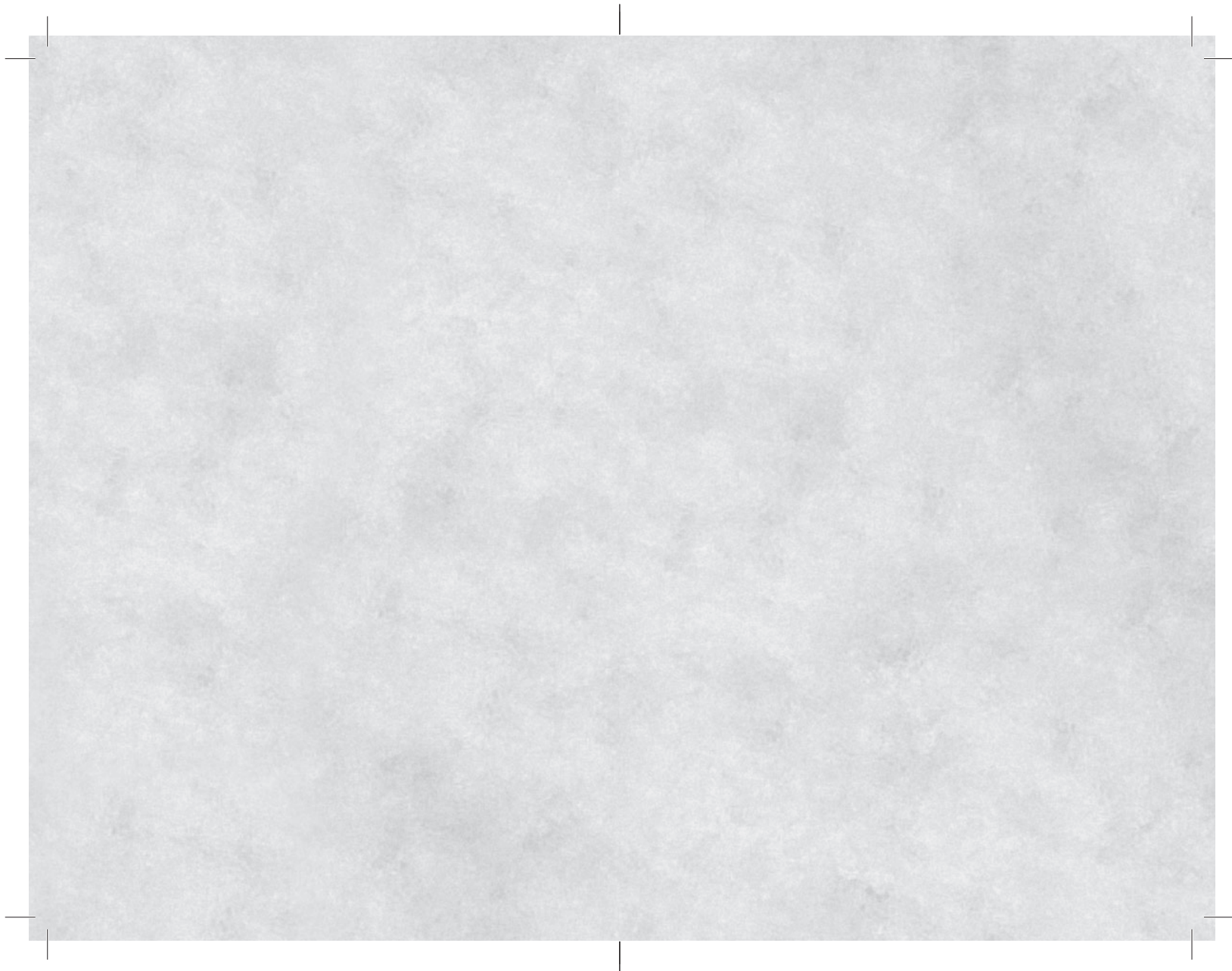


SEM
TÍTULO
2



SEM TÍTULO 2

Maira Dietrich

Coordenação editorial
Regina Melim

Projeto Gráfico
Pedro Franz

Fontes
Alegreya e Space Mono

URGENTE é uma coleção de textos curtos em livros pequenos para serem lidos agora, para circularem já. Leia e passe adiante.

par(ent)esis

Disponível em versão digital:
www.plataformaparentesis.com/site/urgente

Ilha de Santa Catarina, 2020.

como, como né?
perceber o mundo, abrir, ouvir,
ao mesmo tempo ouvir o dentro,
pegar o meu, lembrar o corpo

o trabalho tem escavado na
subjetividade, futuca pra dentro,
pro fundo, ínterim do gesto, gosto
do lento, prazer no bizarro

pegar de lá, trazer pra mim,
regurgitar pra ti

mas e agora, não é o ideal, não,
não é o ideal

o texto emperra, o eu some atrás
da pupila, ou infla, como fumaça
dedetizante, até arredondar os 8
cantos do cômodo

e de cômodo em cômodo,
um eclipsando o outro, suar,
lavar, vazar

a cabeça espremida no fone, o olho
seco de tela na pálpebra fotofóbica,
calcanhares endurecem na
pantufa, álcool e youtube, wifi 70°

telepatia, magia, prevenção,
streaming, qigong

é tanta coisa pra fazer nesse tédio,
excesso de unha pra ser cortada,
medo da obsolescência

ponho a cabecinha na coberta e
torço pra ninguém me esquecer

to louca e viciada, tudo e nada,
sou só eu, falando de meu túmulo

queimadura de panela, frio no pé,
distração e crise,
quarta-feira

a coberta fofinha só detém,
materna me acolhe, esquentando e
irrita, nada da minha casa me
ignora, me sacode, tudo me deixa
em paz, me conhecem e
me aguentam,
campainha não dá esporro, fio
de tomada não elucidado, chuveiro
sem sarcasmo, o couro fica fino,
bochecha rosada, as proteínas em
dia, cortinas fechadas

mesmo quando a gente não é do
tipo que grita, faz falta gritar

morre o êxtase, a boca e mão,
sempre tem louça pra lavar e
alguma coisa pra mudar de lugar

a mandíbula sente e vem junto pro
almoço, desintegra os apitos, as
logos sonoras, 8 horas de sono tá
bom, vontade de emendar logo pra
16, tem que botar pra carregar

na rua, na ficção, a gente tá
sozinho, o poder torce, não sei
imaginar o poder

o espelho virou ferramenta de
descaso, o skincare bomba na terça
e morre no domingo, inventando
coisa pra fazer, coisas pra eu fazer,
a pauladas me toco de um lugar
pro outro, de um canto pro outro
da casa, enxota, chega, vem cá,
larga disso

desligo o bluetooth pra fumar o
petynguá, é o preço que pago por
amar são paulo, ficar sem água,
ficar sem o brasil, auto exílio na
capital

o eu perdidinho
o nós então, morridinho

o luxo de poder me alienar,
me entocar, me limpar
quem diabos você pensa que é
garota, você não é o que pensa que é

me sub-utilizo, deixo a cabeça
rolar, não quero trabalhar hoje,
nem hoje, nem hoje, nem hoje,
nem hoje, não sei o que dizer, só
sei que é assim, que isso é um

um azulejo pra quebrar,
ralo pra entupir, casa pra fugir,
ressaca pra curar

acontece alguma coisa ao vivo pra
eu ver aqui na minha frente agora
por favor

daí fica fácil falar de nada e tudo
ao mesmo tempo,
daí fica fácil ter nojo e medo ao
mesmo tempo,
daí fica fácil falar pra todo mundo
sem olhar ninguém na cara
difícil é ficar com raiva em casa,
sem alguém pra esbarrar, sem uma
poça pra pisar, sem o rangido do
metrô pra assaltar o pensamento,
distrair, é sobre isso?

my most peristaltic self,
digerindo solenemente, sem
rebatimento, choque de realidade
mediado, sem esporro, sem
chamadão

abrir a janela não adianta, hd's e
mais hd's de comecinhos, fotos
que se rever eu choro,
me dá uma tarefa hercúlea! um
tratado! um glossário pelo amor
de deus!

essa clara sem gema tá
desbotando, tô com fome e
preguiça

pensamento e depois desse vai
vir outro e depois outro e outro,
espero que se venham e que se vão,
não saberia mais o que fazer, não
se sabe mais o que fazer hoje em
dia, é cada dia por si

fica em casa, liga pra sua mãe, se
exercite, seja solidária, caí e acabei

ponho a cabecinha no fofo e torço
pra não ser esquecida, não sei o que
postar, não sei o que dizer, nunca
sei o que dizer na hora de dizer,
ô habilidade boa de se ter, só sei
depois que passou, no olho fechado,
o lápis na mão, daí sei tudo

aaaaaaaaaaaaaaaa
suspiro de sufoco
espirro de nojo
grito de preguiça

oi, como você tá? bora se falar?
oi, como você tá? tô pirando aqui
oi, como você tá? isso tá
acontecendo mesmo?

agora não meu bem, tô
escrevendo, agora não, não tô
afim, agora não, ainda não esqueci
seu rosto pra lembrar de novo

to lá no estante virtual, firulando
usados, tudo tem tem tantas mãos
que perco a certeza

vou auto-flagelar esse punho até
ele aprender, um textinho-fúria
em modo avião

ai as tarefas domésticas, a
prospecção artística, a publicidade
da figura pública
ai a vazão pros trabalhos, os
emails que não chegam, a agenda
pescando, ai esse desktop de
merda, o chá que esfria, a sacada
sem teresa, ai a noite que não
chega, o xingamento que não vai, a
calma que não tem

vou me enterrar, vou me sub-
utilizar, tô sem público pra falar, tô
falando de meu túmulo

casa, toca o interfone, veja bem,
veja bem

o som da tv de cima chega
pela parede, desce os tijolos no
conduíte e assopra no meu ouvido
uma propagandinha, é como o
pensamento, vai vir um, depois
outro, depois outro, depois outro

o físico da mão, o toque na boca,
no poste, no cu
eu já era, eu já fui
assopro o travesseiro pra ver se
muda o repeat

vou lá e já volto, vou pro trauma
que cabe a minha geração, trauma
impresso nas milhas,

saudade da cerveja, não essa,
a outra
saudade dos amigos, não esses,
os outros
das exposições, não essas,
as outras

mas foda-se, vai ter que ser assim
e assim será, foi nós né?
os chineses concatenaram na
mistura de sangue todo um
paranauê inevitável, prints,
milhas, tupperwares, ranges,
skypes, agrotóxicos, play's,
câmeras, tinders, monóxidos,
vibradores, gorduras, punhetas,
gravatas, sacolas, canudos, ações,
vr's, ammo's, avatares, biometrias,
bueiros, glitters, bijus, textões,

glicoses, gorjetas, abas, cancelers,
tutoriais, turismos, receitas,
filtros, do's and dont's, envelope
tudo isso e mete um laço encima,
happy bd bb

fica em casa, mas fica em casa
como pet, não pode pirar,
uma geração traumatizada, a que
nasceu e bebeu soltinha agora tá
aqui, a próxima nasce presinha
já, mete na porra da cabeça, geral
esticou a corda, agora paga o pato
vocês, nós, o trauma e a internet,
haja tutorial de yoga

cadê você e cadê eu?
e o medo da polícia, e a vontade
de ir pra rua, não me conformo

como se arrepender depois, eu já
era, eu já fui
falar menos, virar mais sábia, não
ter que provar porra nenhuma pra
cacete de mais ninguém, lá dentro
escondidinha e mordiscada,
a serenidade, perdiiiiiiiiiiiiida,
desubicada
aqui fora, crente e confusa,
a lança-chamas

acendendo e apagando a luz do
corredor, afofando o cobertor,
lavando a mesma maquinada de
roupa over and over and over and
over, já que não posso incinerar
vai ter que ser por camadas, fiapo
por fiapo ralo abaixo, e se perder
o controle chutar bater quicar em

branquear, haja paciência com
essa temperatura, não há folículo
que aguentar, o couro derrete, faz
ebulir, e na falta de buraco como
as baleias têm, implode, espirra o
geiser pra dentro,
a pálpebra é de leite
a boca de polvilho
o ouvido furado
sou só o nariz
grande e entupido
só ele e só a pontinha dele pra fora,
da janela, da latrina da minha
cabeça, da coberta

vou me sub-utilizar, auto hibernar,
baixar a bola tão baixinho,
fazer um silêncio de acaso e de
propósito, daqueles que nem tem

nem com o meu par de mãos vou
me conformar com o que vejo lá
fora? ir no mercado cansa, a pele
desacostumou com ver gente, o
rigor neurótico tá o tempo todo no
streaming do passo a passo, toco
aqui, toco lá
a pele tá em depressão, não sabe
por onde começar

não tem 'volta' pra voltar
aguenta, reaprende, luta
conforma, vomita, repete, acorda
sente apaga refaz

esses filho da puta sem máscara
na rua, tranco a respiração depois
preciso respirar tão fundo que
puxo o ar da rua toda, fudeu,

somos um só, minhas certezas
e suas certezas, vai ter que tudo
caber num mesmo pote, juntinho
e tampado, não saber se já peguei
essa merda, ou vou pegar, ou já
passei, mutei e passei, ou se vou
asfixiar no hospital, tá com você

asfixiar no joelho, asfixiar na mão,
asfixiar sozinha, asfixiar pelada e
sozinha, asfixiar pelada sozinha e
doente, asfixiar pelada sozinha e
doente hoje
não sei de nada, acordei inchada,
só sei que é assim,
corpo são mente sem

hoje, pro mundo, pra dentro e
pra fora só consigo suspirar um

polvoroso e derrotado
foi maaaaaaaaaaaaaaaaal
acabei
já fui
já dei
sequei
deitar a cabecinha no fofo e
pensar, pode me esquecer em paz
self pity, pity pi piry pi piti piri
piriguete

meu storytelling morreu
só faço o eu agora
um papelzinho e uma bic
falando da cova morridinha

os cinco cabelinhos brancos que
torraram juntos no mestrado
vão cair torrados e os outros vão